O FESTIVAL

- Home
- The Festival
  - A hearty welcome!
  - A bit more about FICA
  - Location
- Notícias
- Galeria
- Edições Anteriores
- A Cidade de Goiás
- Organização e Apoio
- Contatos
- Links Outros Festivais

XII FICA

- Regulamento
- Júri de Seleção
- Selected movies
- Júri de Premiação
- Programação Geral
- FICA na Imprensa
- Clipping FICA - Outros Sites
- Filmes premiados

Troféu Imprensa - Melhor filme, eleito pelos profissionais da imprensa que participam da cobertura do XII FICA – A Blooming Business (Um Negócio Florescente), de Ton van Zantvoort (Holanda, 2009).

Press Trophy - Best film of the festival, chosen by media professionals who participate in the FICA coverage XII - A Blooming Business, Ton van Zantvoort (Holland, 2009).

Pulse Trofeo - Mejor película, elegida por profesionales de los medios que participan en la cobertura FICA XII - A Blooming de negocios, Ton van Zantvoort (Holanda, 2009).

Trophée de presse - Meilleur film, choisi par les professionnels des médias qui participent à la couverture FICA XII - une floraison d'entreprises, Ton van Zantvoort (Holland, 2009).

Um negócio Florescente - A Blooming business

Portuguese
Outros prémios de cinema para Um Negócio Florescente:
DOK Leipzig Film prémio Locais de trabalho saudáveis
Planeta Cinema júri prêmio de Melhor Tratamento
Medfilm Menção Especial Prêmio Eyes Open

Spanish
Otros premios de cine por a BLOOMING BUSINES:
DOK Leipzig de Trabajo Saludables Premio de Cine
Planeta Cine Mejor Tratamiento Premio del Jurado
Medfilm Premio Eyes Open Mención Especial

English
Other film awards for a BLOOMING BUSINESS:
DOK Leipzig Healthy Workplaces Film Award
Cinema Planeta Best Treatment Jury Award
Medfilm Open Eyes Award Special Mention

French
Autres film prix pour a BLOOMING BUSINESS:
DOK Leipzig Prix en bonne santé les lieux de travail film
Planeta Cinéma meilleur Prix du Jury de traitement
Medfilm Open Eyes Prix Mention Spéciale

Flores, dores e horrores
Entrevista / Ton van Zantvoort

Premiado no 12º Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (Fica), encerrado no domingo, com o Troféu Imprensa pelo documentário Um Negócio Florescente, o jovem documentarista holandês Ton van Zantvoort opta por fazer de seu cinema um veículo de expressão para grupos sociais desfavorecidos. Em 2005, filmou Grito de Pedra na cidade mineradora boliviana de Potosí, onde a exploração do turismo tem deixado rastros nocivos nos últimos 15 anos, diminuindo a qualidade de vida dos moradores.
De modo semelhante, a obra que impressionou os jornalistas presentes no festival na cidade de Goiás ecoa um protesto por condições mais dignas de trabalho e denuncia a negligência de multinacionais exportadoras de flores no Quênia, país do leste africano. Lançado em 2009, o documentário Um Negócio Florescente não se furta a revelar os dramáticos efeitos da voracidade econômica sobre a comunidade residente em torno do Lago Naivasha, a 93 quilômetros a noroeste da capital, Nairóbi.
É grande a evidência de violações na região, contadas através de pungentes dramas individuais: um vendedor que, sem trabalho formal, comercializa água contaminada pelas fazendas produtoras; um pescador que tem dificuldade de encontrar peixes devido aos escoamentos tóxicos que liquidaram com a desova no lago; uma ex-operária das flores que ficou marcada por eczemas provocados pelos borrifos industriais e não se crê mais bonita o suficiente para ser recontratada.
Mas a impotência diante da prevalência do lucro sobre a vida se deixa iluminar pelas esperanças que a câmera do diretor apreende. A seguir, trechos de uma entrevista que o Ton van Zantvoort concedeu ao POPULAR durante o festival:

Como você chegou ao tema das violações trabalhistas e ambientais de Um Negócio Florescente?

Em 2003, quando eu filmava no Quênia para uma fundação holandesa para crianças deficientes, deparei-me com enormes fazendas de flores que desviavam e obstruíam grandes volumes de água em uma região árida. Meu espanto se aguçou quando descobri que as plantas eram diariamente transportadas para a Holanda, país que é um dos maiores produtores mundiais de flores.

A produção teve problemas com as fazendas retratadas no documentário?

Preocupei-me em várias ocasiões. A indústria de flores é a segunda fonte de renda no Quênia, tendo desenvolvido uma estreita relação com o mercado holandês. As fazendas se recusaram a colaborar durante as filmagens e ainda ficaram iradas por não verem o seu ponto de vista retratado. Apaguei das imagens todas as logomarcas e referências aos empregadores.

O que de principal você quis passar na obra?
Procurei construir uma representação poética da complexidade do mundo globalizado; mostrar o que acontece quando uma multinacional ocidental se instala num país em desenvolvimento, gerando uma série de problemas ambientais e trabalhistas intimamente ligados a práticas corruptas de gestão e à falta de sensibilidade para com as culturas locais. Eu poderia ter desvelado os percalços e dificuldades dos fazendeiros, mas preferi dar voz e vez aos trabalhadores simples que conheci.

Eles sofreram represálias?
Temi por alguns, especialmente pela mãe de três filhos que foi despedida após a conclusão da película, cujo sustento nós garantimos durante um certo período. E também pelo funcionário que aparece filmando clandestinamente em oito fazendas, enquanto trabalhava por algum dinheiro. O bom é que ele acabou fazendo de sua compilação um impulso para a carreira de cineasta que almejava.

Que efeitos o filme teve sobre a realidade dos trabalhadores retratados?

A história deles simboliza a de milhões de outros trabalhadores do planeta. Um Negócio Florescente vem sendo exibido em festivais do mundo inteiro e utilizado como instrumento pedagógico por várias ONGs. A União Europeia tem distribuído-o em DVD a todos os ministérios do trabalho do continente, em 22 idiomas. O documentário teve o Quênia como cenário, mas já filmei realidades semelhantes em fazendas no Equador e na China. O trabalho escravo e a usurpação de direitos trabalhistas são temas globais em pauta.

Qual a sua impressão sobre o Fica?

Incrível. As pessoas são hospitaleiras, o ambiente é alegre e a organização do festival é muito profissional. Cada cineasta e produtor estrangeiro teve um intérprete acompanhando-o por todo o evento, isto nunca acontece. Sugiro apenas que os debates conosco sejam realizados logo após a exibição dos filmes, ali mesmo no cinema e com a participação do público, ao invés de ser para um reduzido grupo no hotel no dia seguinte.

English Translation (google)

Flowers, pain & horrors
Interview / Ton van Zantvoort

warded at the 12th Festival International Environmental Film and Video (FICA), which ended on Sunday with the Press Trophy for the documentary a booming business, the young filmmaker Dutchman Ton van Zantwoort chooses to make his film a vehicle of expression for disadvantaged social groups. In 2005, he filmed Cry of Stone in Bolivian mining town of Potosi, where the exploitation of tourism has left traces harmful past 15 years, reducing the quality of life of residents.
Similarly, the work that impressed the journalists present at the festival in the city of Goiás echoes a protest for better conditions of work and condemned the negligence of multinational exporters of flowers in Kenya, East African country. Launched in 2009, the documentary A Booming Business does not shy from revealing the dramatic effects of economic greed on the resident community around Lake Naivasha, 93 miles northwest of the capital, Nairobi.
There is a strong evidence of violations in the region, told through poignant individual dramas: a salesman who, without formal jobs, sells water contaminated by farms, a fisherman who finds it difficult to find fish because of toxic runoff that liquidated with spawning in the lake , a former worker of flowers that was marked by eczema caused by industrial and sprays do not believe most beautiful enough to be rehired.
But the impotence of the prevalence of income on life are enlightened by the hope that the director's camera captures. The following are excerpts from an interview that the Ton van Zantwoort awarded the popular during the festival:

How did you come to the subject of labor and environmental violations of a thriving business?

In 2003, when I was filming in Kenya for a Dutch foundation for handicapped children, I came across huge plantations of flowers and littered diverted large volumes of water in an arid region. Sharpened my astonishment when I discovered that the plants were transported daily to the Netherlands, a country that is one of the world's largest producer of flowers.

The production had problems with the farms featured in the documentary?

Worried on several occasions. The flower industry is the second source of income in Kenya, having developed a close relationship with the Dutch market. Farms refused to cooperate during the shooting and were still angry for not seeing their point of view portrayed. I erased the images all logos and references to employers.

What the principal did you spend at work?

I tried to construct a poetic representation of the complexity of the globalized world, showing what happens when a Western multinational settles in a developing country, generating a series of environmental and labor problems closely linked to corrupt practices of management and lack of sensitivity to the cultures locations. I could have unveiled the struggles and difficulties of farmers, but instead chose to give voice to workers and simple knowledge.

They suffered reprisals?

Feared by some, especially the mother of three who was fired after the conclusion of the film, whose support we guarantee for a certain period. And also by the official who appears in eight secretly filming farms, while working for some money. The good thing is he just doing his drive to build a career as a filmmaker he craved.

What effect the film had on the reality of workers portrayed?

Their story symbolizes millions of other workers on the planet. A thriving business has been shown at festivals worldwide and used as an educational tool by several NGOs The European Union has distributed it on DVD to all ministries of labor of the continent in 22 languages. The documentary was Kenya as a backdrop, but have filmed similar situations on farms in Ecuador and China. Slave labor and theft of labor rights are global issues at hand.

What is your impression about the festival?

Incredible. The people are hospitable, the atmosphere is cheerful and organization of the festival is very professional. Each filmmaker and foreign producer had an interpreter to accompany him throughout the event, this never happens. I suggest only that discussions are held with us after the films, right there in the cinema and public participation, rather than to a small group at the hotel the next day.

Negócio de sangue -
Ton van Zantvoort - a BLOOMING BUSINESS

Cristiane Prizibisczki , 11 Jun 2010

Ton van Zantvoort durante o X FICA Crédito - Silvio Quirino

Um dos filmes de maior repercussão entre os participantes do XII Fica foi o holandês "A blooming business" de Ton van Zantvoort, que em português virou "Um negócio florescente". Rodado no Quênia, o longa denuncia os crimes ambientais e sociais da indústria de flores naquele país. Todos os dias, toneladas de rosas saem das estufas instaladas no deserto queniano para abastecer o comércio holandês. Por trás da beleza das flores se esconde um intenso processo de degradação de rios e lagos, contaminados com pesticidas e que, mesmo assim, são a única fonte de abastecimento das populações locais; a manutenção da pobreza extrema devido aos salários desumanos, o que obriga trabalhadores a viver em favelas sem saneamento básico; e as condições degradantes de trabalho, que envolve abusos sexuais e casos de agressões físicas.

Quem conta esta história é um jovem cineasta que, depois de rodar "A blooming bussines" e sofrer muito stress por conta da repercussão do longa, quer voltar à "vida normal" rodando a história de amor entre seus avós. Confira abaixo a entrevista com Ton van Zantvoort.

O Eco – Como você teve conhecimento da situação da indústria de flores no Quênia?
Ton van Zantvoort - Em 2003 eu fui para o Quênia pela primeira vez, fazer um filme encomendado pela Dutch Foundation sobre crianças com problemas mentais em países em desenvolvimento. Nessa viagem eu tive contato com uma família que tinha duas crianças com problemas que ficavam em casa sozinhas. Era uma garota de dez anos que era epilética e outro garoto de seis com retardamento mental. Meu primeiro choque foi: onde estão os pais dessas crianças? O que acontece muito no Quênia é que quando a criança é excepcional os pais abandonam a família e a mãe tem que cuidar de tudo sozinha. Ao filmar essa história, eu fui até o trabalho dessa mãe, que era no meio do deserto, e vi aquelas enormes fábricas de flores. E então eu descobri que aquelas eram as flores que abasteciam o comércio holandês todos os dias. Enquanto eu estava fazendo esse filme sobre doenças mentais essa mãe de família foi despedida e então eu comecei uma investigação mais ampla para entender o que estava por trás dessa demissão, fui perguntando para as pessoas e tendo conhecimento das outras histórias, como a contaminação da água, a mortandade dos peixes, porque tudo está conectado. Eu fiz encontros secretos com mais de 36 pessoas de diferentes fábricas, uma a uma, ouvindo a história de cada uma delas. E quando eu ouvi essas histórias eu fiquei realmente chocado e falei, ok, não importa o que aconteça, eu tenho que fazer esse filme, contar essas história.

Você demorou cinco anos fazendo esse filme e no final, a personagem principal, Jane, foi despedida da fábrica onde trabalhava e você então passou a sustentar a família dela. Como isso aconteceu?
TZ - Três meses depois do filme, soubemos através de uma pessoa que trabalha numa organização de direitos humanos de lá que a Jane tinha sido mandada embora e estava passando necessidade. Então nós fizemos um contrato, eu arrecadei dinheiro e comecei a mandar para esta mulher, para ela enviar para Jane financiar seu próprio negócio. Mas Jane disse esse dinheiro nunca chegou até ela. Isto é, o contrato com a tal organização de direitos humanos era falso. A saída que encontramos foi a Jane abrir uma conta própria no banco. Eu consegui arrecadar dinheiro de novo e passei a mandar pra ela, porque talvez isso [demissão] tenha acontecido por causa do meu filme, eu nunca vou saber.

Que tipo de negócio era?
TZ - Era um pequeno negócio próprio. Ela deixou Naivasha e voltou para a sua cidade natal, longe dali, ela hoje vende pequenas coisinhas.

Alguma coisa mudou depois do seu filme em relação às fábricas de flores?
TZ - O filme foi exibido em muitos lugares diferentes e as pessoas geralmente reagiam a ele dizendo: "eu quero mandar dinheiro para Jane". Eu pensei nisso por um longo tempo, mas não aceitei nenhuma oferta, porque eu ainda financio ela e também porque Jane é um símbolo, é apenas uma rosa entre muitas pessoas que estão na mesma situação, então isso não funcionaria, não resolveria o problema. Sobre a situação em geral, as pessoas foram tomando consciência mais e mais. Muitas organizações viram o filme e o usaram, também nas indústrias, para educar as pessoas, para estimular que elas entrassem em sindicatos, para protestar. O filme está na União Européia, eles estão distribuindo para ministros do trabalho, nos países europeus. Quando as pessoas vêem o filme, elas falam, "nunca mais vou comprar uma rosa", mas isso não é a solução, porque os trabalhadores acabariam perdendo seus empregos. A solução é comprar apenas rosas do comércio justo. No Quênia, o comercio justo muitas vezes não é tão justo, mas as organizações que controlam isso têm que checar melhor. Eu não sei como é a situação aqui no Brasil, mas na Europa cada vez mais consumidores querem saber o que eles estão comprando. Essa seria uma solução.

Você sofreu alguma represália depois do filme?
TZ - Não recebi nenhuma ameaça, mas fiquei muito estressado. Eu sou um único cara, com uma câmera na mão. A indústria das flores não é a principal fonte de renda dos quenianos, a primeira é o turismo, mas é a segunda mais forte, então é extremamente importante para um país. E também para a Holanda esta não foi uma história positiva. Eu não sei quem deveria estar com mais medo, se o Quênia ou a Holanda...É engraçado, eu removi todos os logos do filme, das caixas, portões, para não configurar uma historia pessoal de alguma indústria, o que, de certo modo, é OK, mas não deixa de ser muito estressante. Eu já passei muito medo e agora, como reação a tudo isso, estou fazendo um documentário sobre meus avós e o amor entre eles. Eu quero voltar a fazer esse tipo de história [como em "Um negócio florescente"], mas também quero ter minha vida normal de volta. O que acontece é que essa situação retratada no filme não é restrita ao Quênia, em muitos outros lugares existem indústrias como aquelas, é um problema global. Eu tentei contar a história para conscientizar as pessoas, mas também quero que ele estimule mudanças.

O FESTIVAL

- Home
- O Festival
- Notícias
- Galeria
- Edições Anteriores
- A Cidade de Goiás
- Organização e Apoio
- Contatos
- Links Outros Festivais

XII FICA

- Regulamento
- Júri de Seleção
- Filmes selecionados
- Júri de Premiação
- Programação Geral
- FICA na Imprensa
- Clipping FICA - Outros Sites
- Filmes premiados

Cursos e Mesas

- Cursos e Mesas
  - Mesas de Cinema
  - Fórum Ambiental
  - Cursos de Cinema
  - Cursos de Meio Ambiente
- Lista dos selecinados para os cursos

Diretor holandês elogia o FICA e minimiza concorrência

Avaliação do Usuário: / 0

Pior Melhor Avaliar

Escrito por Agepel

Qui, 10 de Junho de 2010 15:53

O diretor holandês Ton van Zantvoort, um dos concorrentes do XII FICA, com o filme *Um Negócio Florescente* (*A Blooming Business*), exibido na Mostra Competitiva, não é muito favorável ao gênero "concorrência. Para o diretor, participar do FICA já é um mérito, por se tratar de uma vitrine da sétima arte. "A disputa entre os concorrentes desmistifica a real grandeza do evento, desfocando-o para um mercado competidor. Os realizadores devem fazer filmes focados no tema do festival e não visando apenas à premiação." Ton, que está na Cidade de Goiás, elogiou o festival e frisou a importância do evento na divulgação das obras cinematográficas, especialmente pelo foco ambiental.

O filme de Ton van Zantvoort traz um título bem sugestivo, mas contrasta com o belo. *Um Negócio Florescente* é uma denúncia sobre as pessoas no Quênia prisioneiras da indústria milionária das flores, um mundo de opressão, abuso sexual e péssimas condições de trabalho.

A produção faz um alerta para o descaso das autoridades locais e destaca, entre outros problemas, a questão da água. As plantações de flores gastam milhões de litros por semana deixando a população sem o produto, além da contaminação do meio ambiente.

O documentário combina observação com comentários diretos dos personagens principais e relatos que impressionam. Especialmente de mulheres vivendo em condições subumanas, escravizadas pela discriminação, exploração e doenças. Mutiladas pela contaminação de produtos químicos lançados nas plantações, sem a menor proteção, aspirando metal pesado e ingerindo água contaminada dos rios.

Água essa que é vendida por funcionários que já não tem mais saúde ou foram acidentados no trabalho e por conseqüência demitidos das fazendas produtoras de flores. Embora conscientes da péssima qualidade do produto, esses atravessadores acabam se valendo das desgraças alheias para sua própria manutenção.

Revista do Fica

Cena Goiana

- Projeto de cinema com escolas

Cinema Global

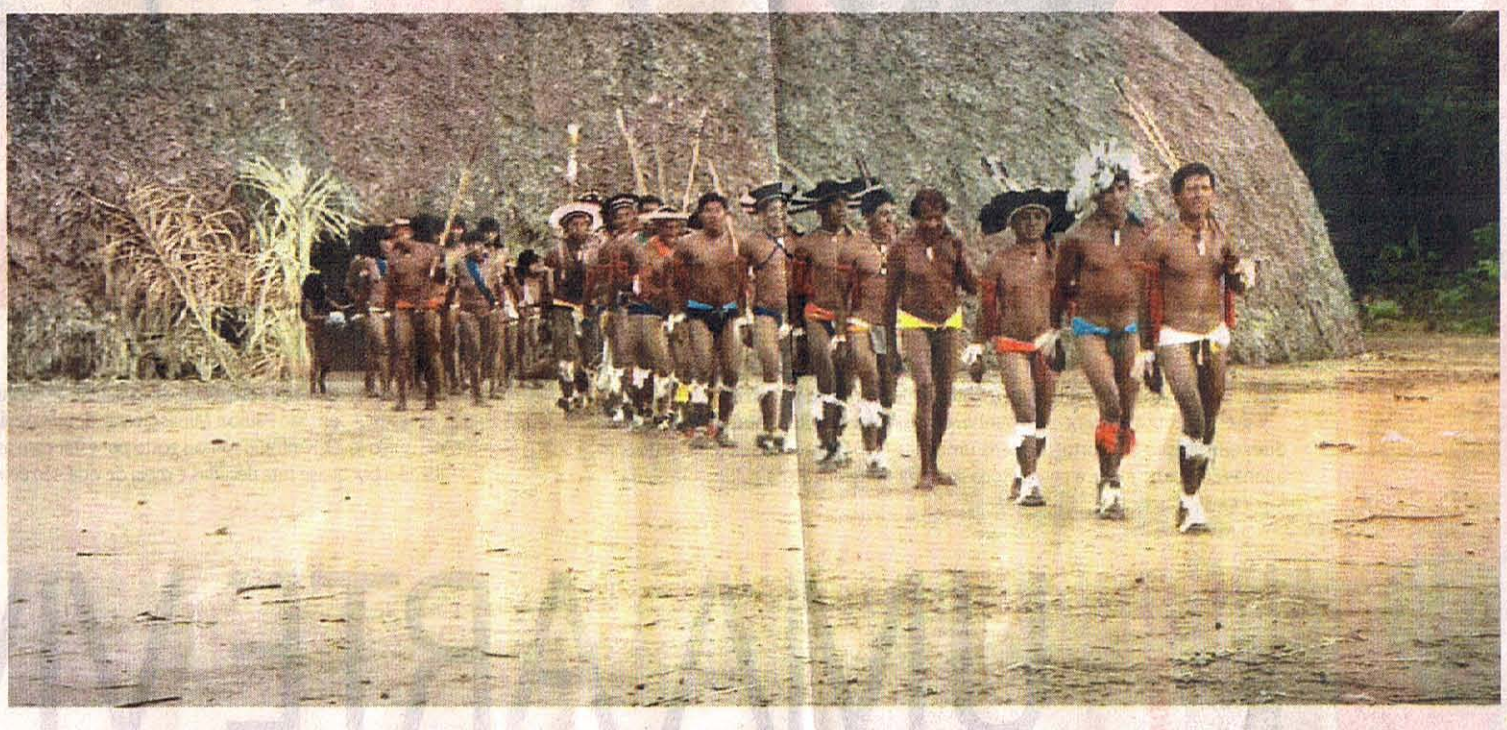
CineEco 2010
Site | Blog

CINEMAMBIENTE
ITÁLIA 2010

IO MAR E NA TRIBO

:UMENTÁRIO RE GADEIROS NO RÁ E FILME LIZADO POR ÍGENAS SÃO TAQUES DE E DO 12º FICA

Rute Guedes
DA CIDADE DE GOIÁS



Cena de O Último Kuarup Branco**, do diretor Bhig Villas Bôas: documentário registra ritual indígena de uma tribo do Xingu**

n duas sessões, à tarde e , a mostra competitiva Festival Internacional de ıa e Vídeo Ambiental da e de Goiás (Fica) entra n seu segundo dia. Ao ıoje serão exibidos no :atro São Joaquim e no ıão nove concorrentes, ›roduções brasileiras e geiras de curta, média e metragens.

re as produções, um dos ques é o curta-metragem *deiros*, do diretor inglês ı Cowell *(leia entrevista e análise do filme abaixo)*. é *Caçando Capivaras*, -metragem de Minas s, que aborda de uma ı poética a relação dos s com a caça, mas entre os principais trunfos tem a ópria realização: o a-metragem de 57 tos foi dirigido por índios. ilme mostra caçadores da Tikmu ou Maxacali, da o do nordeste de Minas s, que saem com seus em busca da capivara, itual que envolve iências de várias ões entre a técnica e a osidade. Eles são um dos as sociedades indígenas árias das zonas de Mata tica que ainda preservam ngua e prática simbólica. o média-metragem *O o Kuarup Branco* resgata os personagens mais importantes na relação entre os índios, o chamado homem branco e o meio ambiente no Brasil: o sertanista Orlando Villas Bôas. Este é o segundo filme do cineasta Bhig Villas Boas sobre o sertanista, parente da família. O outro é *Yã Katu (Alma Boa)*. *O Último Kuarup* é o registro dos ritos dos povos do Xingu em homenagem a Orlando logo após sua morte.

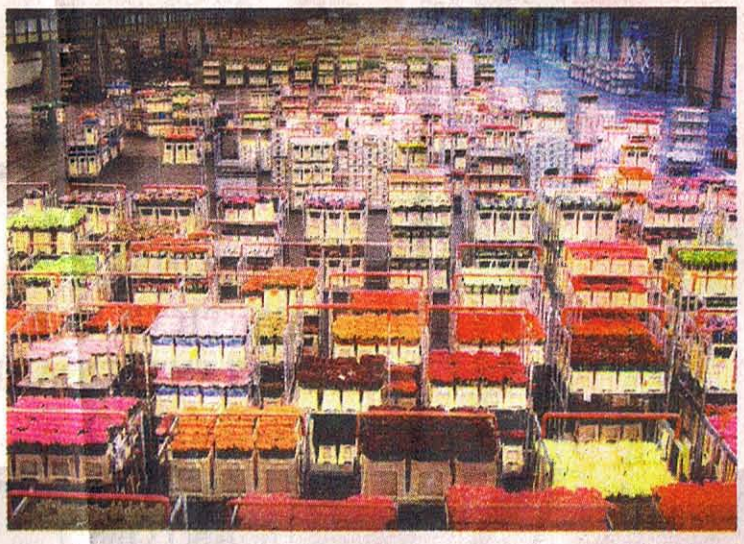
Em entrevista ao POPULAR, o diretor comentou sobre os problemas atuais de demarcação de terras indígenas e sobre o próprio questionamento sobre quem é ou não índio. "O Brasil herdou dos europeus a tradição do espólio. Tem sido assim há cinco séculos. Quem questiona a cultura indígena hoje está certamente agindo de má-fé, de olho em suas riquezas, minérios ou simplesmente porque não suporta o diferente. Não vê, ou não quer ver, as grandes lições de vida e principalmente de sobrevivência em equilíbrio com os ciclos do planeta que os índios nos oferecem", afirmou.

PAINEL

Outro concorrente do dia, *Tamboro*, longa-metragem do Rio de Janeiro, tem como proposta um painel das principais questões sociais e ambientais do Brasil. O desmatamento da Floresta Amazônica, a luta pelas terras no campo, a favelização e a criminalidade nos grandes centros urbanos estão entre os principais focos do filme.

Heavy Metal, por sua vez, é um média-metragem da China que tem foco no lixo eletrônic ou melhor, nos resíduos de computadores, baterias e aparelhos de telefone, entre outros, que o país importou hà cerca de 20 anos de países como EUA, Austrália e Japão Aproveitando como mão de obra os milhares de miseráve da nação, foi criada uma indústria de reciclagem na China, mas sem levar em con métodos que não contaminassem os trabalhadores que lidam cotidianamente com este material, muitas vezes produzidos com produtos químicos danosos à saúde.

Já a produção holandesa *Um Negócio Florescente* retrat as condições de vida dos moradores de uma região Quênia onde estão concentradas enormes plantações de flores que serão exportadas. Além da péssima condições de trabalho e dos baixos salários, as agressões meio ambiente por parte dest indústria das flores tornam a vida destas pessoas pobres ainda mais difícil *(confira a programação dos filmes no quadro)*.



Um Negócio Florescente**: o outro lado da indústria de flores**

PROGRAMAÇÃO

Cine Teatro São Joaquim e Cinemão

Das 14 às 17h16

■ *Tamboro* (Brasil-RJ/ 2009), de Sergio Bernardes. 100 min. Doc.: o desmatamento da Floresta Amazônica, a luta pelas terras no campo, a favelização e a criminalidade nos grandes centros urbanos.

■ *Cowboy – Oficial do Meio Ambiente* (Brasil-GO/ 2009), de Bruno Fiorese Fernandes. 18 min. Doc.: Aneilton Alves Ribeiro, vulgo Cowboy, se dedica à coleta de material reciclável.

■ *Caçando Capivara* (Brasil, MG/ 2009), de Derli, Marilton, Fernando, João Duro, Janaina, Joanina, Juninha, Zé Ca. 57 min. Doc.: caçadores indígenas saem com seus cães e espíritos aliados em busca da capivara.

■ *Olhar de João* (Brasil-GO/ 2010), de Mariley Carneiro. 20 min. Doc.: a forma singular com que o fotógrafo João Caetano vê as faces e formas ocultas em pedras, troncos, flores e frutos.

Das 18 às 21h08

■ *Heavy Metal* (Hu Xiao de Jin Shu, China/2009), de Huaqing Jin. 50 min. Doc.: em Fengjiang, 50 mil trabalhadores formam um exército de desmantelamento de resíduos eletrônicos, com prejuízo para sua própria saúde.

■ *O Último Kuarup Branco* (Brasil-SC/ 2008), de Bhig Villas Bôas. 52 min. Doc.: os estados alterados de consciência nos rituais indígenas do Xingu.

■ *Um Negócio Florescente* (A Blooming Business, Holanda/ 2009), de Ton van Zantvoort. 52 min. Doc.: no Quênia, a indústria mundial de flores impõe condições de trabalho degradantes aos nativos.

■ *Jangadeiros* (Reino Unido/Brasil, 2009), de Adrian Cowell. 24 min. Doc.: os jangadeiros de Caponga, aldeia de pescadores do Ceará.

■ *Aquela que Mede* (She Who Measures, Croácia/ 2008), de Veljko Popovic. 6 min. Anim.: somos livres? São nossos desejos nossos ou produtos impostos pela sociedade?

RÁPIDAS

■ Após a exibição da mostra competitiva principal do Fica, terá início, às 21h30, no Cinemão, a Mostra ABD-GO, uma seleção de filmes de temática livre dedicada à produção goiana. Uma parceria entre a Associação Brasileira de Documentaristas, seção-Goiás, e a Agência Goiana de Cultura (Agepel), a mostra prossegue até sexta-feira, sempre no mesmo horário e local, é competitiva e distribuirá R$ 18 mil em prêmios.

■ A partir das 21h15, no Cineteatro São Joaquim, tem início a mostra Cinema Brasileiro, não competitiva, dedicada ao cinema nacional e com temática livre. Será exibido o longa-metragem *Jogo de Cena*, documentário de Eduardo Coutinho.

■ O crítico de cinema francês Jacques Aumont cancelou sua vinda à cidade de Goiás para participar do 12º Fica, por problemas de saúde. Ele faria parte do júri de premiação e realizaria a conferência *O Que Resta do Cinema?*. Aumont foi substituído pelo cineasta português Lauro António.